

O CRAS E OS SERVIÇOS DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS OFERECIDOS AOS ADOLESCENTES.

Grasiele Cruz Almeida¹
Magalí de Paula Silva Santana²
psicomagalisantana@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Humanas

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma experiência de Estágio Básico Supervisionado e discutir a importância dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos oferecidos pelo CRAS para os adolescentes de uma cidade localizada na zona da mata mineira. Segundo o SUAS, a Assistência Social passa a ter como foco de atenção as necessidades dos sujeitos, dando visibilidade às famílias mais vulneráveis. Os recursos metodológicos utilizados na realização da atividade foram a observação em campo, conversas e questionamentos feitos à Psicóloga supervisora e aos funcionários do CRAS. Foi observado que alguns usuários adolescentes comparecem aos serviços do CRAS mesmo que não sejam seus dias de atividade. Parece haver uma necessidade de sentir-se parte do grupo em todos os encontros. Além disso, os adolescentes sentem-se acolhidos e encontram no CRAS referências que suprem outras carências familiares.

PALAVRAS-CHAVE: CRAS, fortalecimento de vínculos, vulnerabilidade, proteção básica.

1. INTRODUÇÃO

A Proteção Social Básica, é caracterizada por um trabalho preventivo de situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades, aquisições e fortalecimento de vínculos familiares e/ou comunitários, uma vez que estes últimos, na proteção básica encontram-se fragilizados, mas não há violação de direitos (BRASIL, 1993).

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS), define que, o novo modelo de gestão organiza os serviços, programas, projetos e benefícios, prevendo a adoção de um modelo de política social com foco prioritário à família. Reafirmando que a Assistência Social passa a ter como foco de atenção dessa política as necessidades e não o mais necessitado.

¹ Acadêmica do 6º período do curso de Psicologia da Univértix.

² Psicóloga – Graduada em Psicologia pela UCB – Especialista em Psicopedagogia institucional e clínica pela UnB e em Docência superior pela UNIVÉRTIX. Professora da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX em Matipó-MG.

O Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), tem como responsabilidade a proteção social básica, visando prevenir as situações de vulnerabilidade e ofertar serviços que visam à convivência, a socialização e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

Este trabalho tem como finalidade apresentar uma experiência de estágio básico supervisionado da Faculdade Univertix, realizado no CRAS de uma cidade da zona da mata mineira. Tendo como objetivo compreender a importância dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos oferecidos para os adolescentes usuários do serviço e para suas famílias.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

Durante a década de 1980, em um cenário de profundas desigualdades sociais no cotidiano do sistema público, a promulgação da Constituição Federal de 1988 constitui-se um marco histórico para a Assistência Social, regulamentada como uma política social direcionada a quem dela necessitar.

Em 1993, entrou em vigor a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), a qual buscou reafirmar a Assistência Social como política pública de direito de todo cidadão que dela necessitar e garantia de direitos sociais. Em seu artigo 1º, a LOAS define a Assistência Social como direito do cidadão e dever do Estado, como política da seguridade social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas (BRASIL, 1993).

Em 2004, durante o mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a partir de deliberações da IV Conferência Nacional de Assistência Social, foi elaborado o Plano Nacional da Assistência Social – PNAS, passando a Assistência Social a ser definida como: “direito de cidadania, com vistas a garantir o atendimento às necessidades básicas dos segmentos populacionais vulnerabilizados pela pobreza e pela exclusão social” (BRASIL, 2005).

[...] a vulnerabilidade social materializa-se nas situações que desencadeiam ou podem desencadear processos de exclusão social de famílias e indivíduos que vivenciem contexto de pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso a serviços públicos) e/ou fragilização de vínculos afetivos, relacionais e de pertencimento social, discriminações etárias,

étnicas, de gênero ou por deficiência, dentre outras.-(BRASIL, PNAS, 2004).

Os adolescentes que se encontram em situação de vulnerabilidade social são aqueles que vivem as consequências das desigualdades sociais, da pobreza e da exclusão social; da falta de vínculos afetivos na família e nos demais espaços de socialização; da passagem abrupta da infância à vida adulta; da falta de acesso à educação, trabalho, saúde, lazer, alimentação e cultura; da falta de recursos materiais mínimos para sobrevivência; da inserção precoce no mundo do trabalho; da falta de perspectivas de entrada no mercado formal de trabalho; da entrada em trabalhos desqualificados; da exploração do trabalho infantil; da falta de perspectivas profissionais e projetos para o futuro; do alto índice de reprovação e/ou evasão escolar; da oferta de integração ao consumo de drogas e de bens, ao uso de armas, ao tráfico de drogas (ABRAMOVAY *et al.*, 2002 apud SANTOS, CARLOS E BASTOS, 2016).

Com a organização da política em forma de Sistema Único de Assistência Social (SUAS), a PNAS propõe o novo modelo de gestão que organiza os serviços, programas, projetos e benefícios, prevendo a adoção de um modelo de política social com foco prioritário à família. Os serviços foram organizados conforme a complexidade, dividiram-se em Proteção Social Básica e Proteção Social Especial de Média e Alta Complexidade, de modo a garantir a segurança de sobrevivência e de acolhida e convívio/vivência familiar.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, é um dos serviços desenvolvidos através do CRAS. Segundo a Tipificação dos Serviços Socioassistenciais (2013), o serviço expõe suas ações como, serviço realizado em grupos, organizado a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas aos seus usuários, de acordo com o seu ciclo de vida, a fim de complementar o trabalho social com famílias e prevenir a ocorrência de situações de risco social. Forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais e coletivas, na família e no território. Organiza-se de modo a ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecer vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária. Possui caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e afirmação dos direitos e no

desenvolvimento de capacidades e potencialidades, com vistas ao alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento da vulnerabilidade social.

As ações desenvolvidas com os adolescentes no CRAS visam o convívio familiar e comunitário, assim como a participação em grupos e oficinas. Tem como objetivo ofertar aos usuários diversas oportunidades de aprendizagem, desenvolvendo a autoconfiança e sua capacidade. O Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), serviço oferecido no CRAS consiste:

no trabalho social com famílias, de caráter continuado, com a finalidade de fortalecer a função protetiva das famílias, prevenir a ruptura de seus vínculos, promover seu acesso e usufruto de direitos e contribuir na melhoria de sua qualidade de vida. Prevê o desenvolvimento de potencialidades e aquisições das famílias e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, por meio de ações de caráter preventivo, protetivo e proativo. (BRASIL, 2009, p.6).

Barros (2007) diz que, na compreensão do trabalho com grupos como processo potente de produção de sentidos, é possível articular e transformar as dimensões singulares e coletivas, através das relações sociais produzidas nos encontros entre os envolvidos, não sendo uma mera reprodução de técnicas.

O CRAS deve desenvolver suas ações embasadas em dois eixos: a matricialidade sóciofamiliar e a territorialização, onde o primeiro “se refere à centralidade da família como núcleo social fundamental para a efetividade de todas as ações e serviços da Política de Assistência Social” (MDS, 2009, p. 12).

Quanto ao segundo eixo, refere-se à centralidade do território como fator determinante para a compreensão das situações de vulnerabilidade e riscos sociais, bem como para o seu enfrentamento. A adoção da perspectiva da territorialização se materializa a partir da descentralização da Política de Assistência Social e conseqüente oferta dos serviços socioassistenciais em locais próximos aos seus usuários. Isso aumenta sua eficácia e efetividade, criando condições favoráveis à ação de prevenção ou enfrentamento das situações de vulnerabilidade e risco social, bem como de identificação e estímulo das potencialidades presentes no território. (MDS, 2009, p. 15).

Além das vulnerabilidades e riscos sociais, é proposto que as competências familiares sejam valorizadas nas intervenções oferecidas. O CRAS se torna um

espaço de proteção à família, trata-se de compreender que é um local de inúmeras e distintas vivências e conquistas. Espaço esse onde se manifestam as relações familiares e comunitárias identificando os sujeitos que ali estão inseridos.

3.METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se como um estudo qualitativo. Os recursos metodológicos utilizados na realização da prática foram a observação em campo, conversas e questionamentos feitos à Psicóloga supervisora, Assistente Social e os Educadores Sociais da instituição, anotações a respeito das atividades praticadas e a construção dos relatórios semanais. O público-alvo foram os adolescentes que participam do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos no CRAS de uma cidade localizada na Zona da Mata Mineira com cerca de 8 mil habitantes.

Foram realizadas 40 horas de estágio, sendo elas divididas nas tarefas de observação das atividades realizadas pelas crianças, jovens e idosos. Ocorreram também conversas com os profissionais, favorecendo a compreensão das atividades realizadas.

3.1. Observação

Para Freire (1996), os pontos de observação em cada foco apoiam a construção do aprendizado do olhar – olhar a dinâmica do encontro, dinâmica que não significa criar atividade de sensibilização, dinâmica que aqui é entendida como o jeito, o ritmo que o grupo viveu a construção das interações na aula, acelerado, arrastado, em desarmonia, em harmonia, etc. Dinâmica que envolve observar o grupo juntamente com a coordenação.

Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós paralisia, fatalismo cegueira. Para romper esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica nesse aprendizado da construção do olhar sensível e pensante (FREIRE, 1996).

A observação foi realizada no CRAS de uma cidade localizada na Zona da Mata Mineira, que oferece serviços e atendimentos às famílias com um nível de vulnerabilidade maior dentro da população. Foram observados os encontros oferecidos para os grupos de crianças, adolescente e idosos, a demanda que a instituição possui no dia a dia e trabalho realizado pelo mesmo.

3.2. Caracterização Do Ambiente Observado

As informações sobre o funcionamento da instituição e os serviços ofertados, foram coletadas através de conversas e questionamentos feitos à psicóloga e assistente social do CRAS. Atualmente, o CRAS conta com uma equipe composta por, (01) uma secretária da assistência social, (01) uma equipe técnica (assistente social e psicóloga), (01) uma psicóloga sendo ela a coordenadora da instituição, (01) uma secretária, (01) uma gestora do bolsa família, (01) uma oficinaira, (01) uma auxiliar da oficinaira, (02) dois educadores sociais responsáveis pelo grupo de idosos, (02) dois responsáveis pelo grupo de crianças e adolescentes, por fim (05) cinco responsáveis pela limpeza, sendo divididas entre o período da manhã e tarde.

O espaço em que o CRAS funciona apresenta uma estrutura física com ambientes conservados, porém não possui espaço adequado para comportar a demanda que atende no dia a dia. Algumas das ações socioeducativas são realizadas dentro do ambiente, assim como o lanche que é servido em um espaço próprio após a realização das atividades. Os grupos que participam dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, realizam as atividades em locais fora da instituição, para que consigam se sentir mais a vontade. As crianças e os adolescentes vão para a quadra que fica a poucos minutos da instituição, já os idosos realizam suas atividades na academia de saúde, em um espaço ao lado do CRAS.

3.3. Perfil dos Sujeitos Observados

A população atendida pela instituição, em sua maioria, é representada por famílias denominadas vulneráveis, as que possuem baixa escolaridade e dificuldade em construir e manter vínculos familiares. São famílias que trabalham na roça como lavradores, em casas de famílias e até mesmo desempregados, participam do programa bolsa família e recebem o auxílio do CRAS com cestas básicas e atenção primária. De acordo com a PNAS (2004), a proteção social especial é:

[...] uma modalidade de atendimento assistencial destinada a famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal e social, por ocorrência de abandono, maus tratos físicos e/ou psíquicos, abuso sexual, uso de substâncias psicoativas, cumprimento de medidas socioeducativas, situação de rua, situação de trabalho infantil, entre outras (PNAS, 2004, p.28).

4.RESULTADOS E DISCUSSÕES

As observações tiveram início no dia 29 de agosto de 2019. De início houve uma conversa para que fosse possível conhecer um pouco mais sobre a história e como funciona o trabalho que as mesmas exerciam ali dentro, a forma que o CRAS atua, os projetos, como são feitos os atendimentos e as visitas domiciliares, como é realizado o processo para que as denúncias sejam averiguadas e as demandas atendidas. Logo em seguida, elas apresentaram o espaço físico e alguns funcionários. Foi possível ter acesso a um dos grupos de adolescentes de 13 a 18 anos, participantes dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, que estavam terminando de se reunir junto com o Educador Social. No segundo dia, as estagiárias participaram da V Conferência Municipal de Assistência Social, para conhecer mais sobre o trabalho que é realizado e como funcionam os programas e projetos que são ofertados dentro da instituição. Esse momento foi único e necessário para o reconhecimento do trabalho e utilidade que o CRAS possui na cidade.

No terceiro dia, foi possível acompanhar o encontro do grupo de idosos juntamente com os educadores sociais e observar as atividades realizadas pelos mesmos. No quarto encontro, estava previsto a observação da rotina e da demanda do determinado dia, foi possível conhecer como as denúncias anônimas e ofícios chegam até o local e como elas são cumpridas. O quinto encontro foi orientado que continuássemos com a observação dos atendimentos. Porém, surgiu uma palestra ministrada pelo Sargento da Polícia Militar para as crianças, adolescentes e mãe dos usuários. O tema escolhido foi cerol e linha chilena, pelos inúmeros casos de acidentes ocorridos na região. No sexto dia, foi proposto que as estagiárias acompanhassem a oficina de ponto russo, que é destinada à população, mas tem como prioridade as famílias dos usuários.

Os três últimos encontros foram definidos para a realização da observação de um dos grupo de crianças e adolescentes. As atividades dos respectivos dias foram realizadas na quadra localizada a alguns minutos do CRAS. Em conversa com um dos educadores, foi citado que um dos participantes possui um "gênio forte", e nunca aceita as decisões tomadas se não for algo que o favoreça. O mesmo sempre provoca

os outros participantes, grita, ofende e quando perde durante as atividades grita com os colegas do seu time.

Durante esse período de estágio foi possível observar o respeito e admiração que parte dos usuários possuem diante dos educadores sociais e dos outros participantes. Segundo alguns participantes, essas atividades permitem acesso à momentos felizes que eles não costumam experimentar em casa e outros espaços nos quais convivem. Alguns usuários, mesmo não precisando, sentem a necessidade de participar de todos os encontros.

A partir de algumas observações realizadas durante as atividades com os grupos de adolescentes, foi possível analisar o grande desafio que os mesmos enfrentam ao se tratar do relacionamento familiar, muitas vezes conflituoso. Um dos objetivos do CRAS é romper com as barreiras construídas e trabalhar com o fortalecimento de vínculos familiares, melhorando o convívio entre seus membros. De acordo com a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2009), essa instituição possui como eixo norteador a proteção social básica com objetivo da prevenção de situações de risco, por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários da população que vive em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, privação e/ou fragilização de vínculos afetivos. É operacionalizada pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e por serviços de proteção básica.

Torna-se importante ressaltar a necessidade do aprimoramento nas ações socioeducativas em grupos, para que os adolescentes possam se adaptar às possibilidades e diferenças que cada indivíduo possui. Sendo também, um diferencial para motivar a participação das atividades. Segundo os Parâmetros das ações socioeducativas (2007), as ações socioeducativas devem viabilizar o acesso às atividades que promovam desenvolvimento de relações de afetividade; reparação de danos decorrentes de estigmas, discriminações e situações de violência; convívio em grupo (sociabilidade); acesso à conhecimentos; experimentação e meios que favoreçam a autonomia; estimulem o senso de responsabilidade e de coletividade; desenvolvam a participação na vida familiar e comunitária no território.

Os educadores sociais alegaram que após a participação nas ações socioeducativas, houve melhora no desempenho escolar e no relacionamento dos adolescentes uns com os outros. Já os participantes afirmaram que fizeram novas

amizades, o convívio e o relacionamento familiar ficaram melhores, bem como se percebem mais obedientes com os pais. Ainda sim, não deixaram de ressaltar a importância que os educadores sociais possuem em suas vidas, sendo eles referência de respeito e admiração.

O Educador Social, na tentativa de buscar que os sujeitos sejam capazes de perceber que são protagonistas da sua história, procura tornar-se um agente de transformação que auxilia na construção e caminhada de cada indivíduo, não proporcionando uma simples forma de aquisição de conhecimentos prontos e inacabados (ROMANS; PETRUS; TRILLA, 2003).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui empreendido demonstra a importância dos serviços e projetos oferecidos pelo CRAS na vida dos usuários e de suas famílias. Além de contribuir para minha formação profissional, foi possível observar a necessidade das ações socioeducativas desenvolvidas a partir do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Ações essas que promovem a dignidade e a cidadania de pessoas que se encontram em situações de risco e vulnerabilidade social.

Existem muitos desafios e barreiras a superar. Entre os desafios, um que podemos apontar é a falta de transporte para a realização das visitas domiciliares e demais necessidades. Outra dificuldade, que talvez seja a maior delas é a ausência de algumas famílias, que muitas vezes obrigam os usuários a participar das atividades pensando somente nos benefícios que receberão.

É preciso refletir sobre a importância de cada integrante da família e de suas necessidades. Sobretudo, contribuir com ações voltadas à independência e à autonomia dos adolescentes, visando a construção da carreira/vida a partir de vínculos pessoais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Flávia Zaratini; *et al.*. **O Fazer da Psicologia No Sistema Único de Assistência Social**. Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Brasília, DF. 2009.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS 2004**. Norma operacional básica – NOB/ SUAS. Brasília, DF: Autor. 2005.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão**. Instrumentos Metodológicos I. 2ª ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

LIMA, Tatiane Delurdes; BRIDI, Jamile Cristina Ajub. As formas de mediação do educador social do CRAS- novas perspectivas no campo da pedagogia social. **XI Congresso Nacional de Educação**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, de 23 a 26/09/2013.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social**. República Federativa do Brasil. Brasília – DF, 2004.

OLIVEIRA, A. S. R *et al.*. Uma análise do contexto de atuação dos psicólogos nos CRAS e CREAS da cidade de Presidente Kennedy/ES. **Revista Dimensão Acadêmica**, n.2, v.3, 2018.

Parâmetros das ações socioeducativas: proteção social para crianças, adolescentes e jovens: Igualdade como direito, diferença como riqueza: Caderno 2: Conceitos e políticas. / CENPEC– São Paulo: SMADS ; CENPEC ; Fundação Itaú Social, 2007.

SAADALLAH, Márcia Mansur *et al.*. **Referências Técnicas para a Prática de Psicólogas (os) no Centro de Referência Especializado da Assistência Social-CREAS**. Brasília, fevereiro/2013.

SANTOS, Ana Claudia Soares dos. CARLOS, Gisele Ghedin. BASTOS, Maria de Lourdes da Silva Leite. **A voz dos adolescentes**: Estudo de caso no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos no CRAS do bairro Jaqueline no Município de Içara-SC. 2016. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/Artigo-Ana-Claudia-Soares-dos-Santos.pdf>>. Acesso em: 11/09/2019.